



CARTA DA ALIANÇA DOS POVOS GUARDIÕES DA AMAZÔNIA

Nós, Povos Guardiões da Amazônia, reafirmamos nossa existência e nossa luta. Somos povos pretos, indígenas, quilombolas, ribeirinhos e extrativistas que mantêm a vida da Terra e a nossa existência, por meio dos nossos modos de viver. Somos sementes de resistência, raízes antigas que sustentam o que ainda permanece em pé. Nossas culturas não são enfeites, não são peças para exposição ou consumo. Elas são força, memória e movimento. Acreditamos na esperança que se constrói no coletivo, na defesa das águas, das florestas, das culturas, da espiritualidade, de todas as formas de vida e da dignidade das nossas comunidades.

Somos os primeiros a sofrer diretamente as graves consequências da **EMERGÊNCIA CLIMÁTICA** que altera profundamente nosso modo de vida, mesmo não sendo nós os responsáveis por esta crise. Nossa casa sofre com as mudanças desordenadas do clima. Sentimos o aumento da temperatura, a mudança no regime das chuvas, a insegurança alimentar pela perda da biodiversidade, o isolamento das nossas comunidades, as ameaças dos grandes empreendimentos na Amazônia, do agronegócio e de toda a necropolítica, que tem cor, raça e gênero, e há séculos ameaça a nossa existência.

Apesar das ameaças constantes e intensas, nossa esperança e força vivem nos territórios, por meio dos nossos saberes ancestrais transmitidos de geração em geração. Os saberes tradicionais são respostas à crise climática, pois ensinam a viver em comunhão com a natureza, valorizando o cuidado com as águas e a terra, o uso racional da biodiversidade e o manejo sustentável dos recursos naturais. **NÓS SOMOS A RESPOSTA.** A floresta em pé é resultado do trabalho, da sabedoria e da resistência dos povos que nela vivem.

É com essa consciência viva e esse compromisso com a continuidade da vida que **nos erguemos em coletivo para afirmar nossas demandas e caminhos de futuro.** Porque não basta resistir, é preciso garantir que nossas vozes sejam escutadas, e que nossos modos de existir sejam respeitados, valorizados e sustentados por políticas públicas justas, recursos diretos e reconhecimento real.

Nós, povos guardiões da Amazônia, demandamos:



Reconhecimento e Garantia dos Territórios

Que nós, povos pretos, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, extrativistas, agricultores familiares e outros povos e comunidades tradicionais, sejamos reconhecidos como guardiões das águas e das florestas e protagonistas nas tomadas de decisões que envolvem nossos modos de vida e territórios. Exigimos que haja demarcação das Terras Indígenas, a regularização fundiária dos Territórios Quilombolas, das Unidades de Conservação de Uso Sustentável, de outras terras tradicionalmente ocupadas, de terras públicas não destinadas e de ocupações dos movimentos sem-terra sejam tratadas como **políticas centrais de enfrentamento e mitigação da crise climática**. A garantia dos territórios é a base da vida e da floresta em pé, sem território, não há clima equilibrado, não há vida e nem futuro possível.

Gestão e Financiamento Direto na Base

Reivindicamos que o acesso e a gestão dos recursos financeiros destinados à adaptação e mitigação climática sejam feitos diretamente na base, **pelas próprias comunidades** com autonomia, transparência e fortalecimento da gestão local. Que o financiamento climático reconheça os povos da Amazônia como **protagonistas e não apenas beneficiários**, garantindo que os recursos cheguem de forma justa, transparente e desburocratizada às organizações legitimadas e reconhecidas pelas comunidades que mantêm a floresta viva.

Protagonismo Feminino, Igualdade e Equidade de Gênero

Nós **mulheres guardiãs da Amazônia** somos profundamente afetadas pela crise climática e temos papel central na regeneração da vida. É necessário garantir **direitos, acesso às políticas públicas, políticas de fomento e financiamento** que fortaleçam suas iniciativas em sociobioeconomia, preservação e autonomia.

A **cultura, os saberes e a espiritualidade** de nossos povos devem ser reconhecidos como parte das políticas climáticas, pois o cuidado com a vida é também espiritual, social, ambiental, climática e ancestral. Que nós, mulheres pretas, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, extrativistas, agricultoras familiares e outras de povos e comunidades tradicionais sejamos plenamente reconhecidas.



Que nós, mulheres, tenhamos **protagonismo real e apoio nos processos de formação, gestão e tomada de decisões em seus territórios.**

Valorização dos Saberes Ancestrais

Que os nossos conhecimentos tradicionais e ancestrais sejam reconhecidos, respeitados e valorizados como **saberes científicos e políticos**, em igualdade de importância com os saberes ocidentais, sendo dignos de formar e orientar as sociedades e os Estados Nacionais em direção a um futuro sustentável. Reivindicamos o reconhecimento público dos nossos mestres e mestras como **mestres de notório saber**, capazes de transmitir de geração a geração conhecimentos e ferramentas para adiar o fim do mundo.

Protagonismo das Juventudes

Nós, os jovens da Amazônia, como continuadores dos saberes ancestrais, nos levantamos com **protagonismo**, construindo **oportunidades** e exigimos garantia de **acesso e permanência** em cada **espaço** onde ecoam nossos **direitos** e nossas vozes. Nós, pretos, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, extrativistas, agricultores familiares e outros povos e comunidades tradicionais reivindicamos o fortalecimento e a aplicação de políticas públicas de acesso contínuo à educação pública, gratuita, específica e de qualidade, que garanta a capacitação e formação em diferentes áreas de atuação, evitando a saída forçada dos nossos territórios.

Exigimos mais oportunidades e políticas públicas de inserção das juventudes no mercado de trabalho, com a valorização das nossas habilidades e especificidades. Queremos viver dentro e para além dos nossos territórios, com liberdade e segurança, com saúde física, mental e emocional, e com a garantia de direitos e proteção contra a violência e a discriminação de gênero, raça e cor. Somos parte fundamental do fortalecimento das comunidades, da sociobioeconomia, da preservação da biodiversidade e da espiritualidade que nos reconhece como agentes transformadores.



Justiça Climática e Enfrentamento do Racismo Ambiental

O **racismo estrutural e ambiental** é a raiz das desigualdades e violências que recaem sobre nossos povos. Ele é o motivo pelo qual **sofremos as maiores consequências da crise climática sem que sejamos responsáveis por ela**. Exigimos que isso seja reconhecido e que políticas de reparação sejam criadas e implementadas.

O mundo tem uma **dívida histórica e ambiental** com os povos da Amazônia, credores legítimos de uma reparação que deve se expressar em políticas públicas justas, investimentos diretos e reconhecimento da nossa centralidade na regeneração global. Sem justiça racial, **não haverá justiça climática**.

Nossa esperança está em mostrar ao mundo que os saberes dos nossos povos, a natureza, os nossos corpos e territórios são o campo de atuação que dignifica e sustenta a vida na Terra.

**Somos guardiões da floresta, sementes de resistência, A
RESPOSTA SOMOS NÓS!**